

“Visita a uma revolução”: uma análise dos escritos de Milton Santos sobre a revolução cubana (1960)



Bruno de Oliveira Moreira

Mestrando em História Social
Universidade Federal da Bahia

Resumo:

Objetiva-se avaliar neste artigo os elementos que condicionam a aparente contradição entre a coluna de Milton Santos sobre a Revolução Cubana, publicada em abril de 1960 após uma visita do geógrafo e então jornalista de *A Tarde* àquele país, e a linha editorial do jornal com relação ao tema, já marcada pela crítica (ainda que cautelosa) aos julgamentos e condenações aos criminosos da ditadura Batista e aos rumos nacionalizantes assumidos pelo governo cubano. Contradição “aparente” porque, a meu ver, ilustra um quadro geral de indefinições da grande imprensa e de setores liberais com relação a Cuba que predominaria até 1961, ano que marca a declaração do caráter socialista da revolução e a partir de quando as críticas se intensificariam. De maneira geral, enquanto os textos de Santos apontavam Cuba como um modelo a ser seguido e apoiado pelas nações latino-americanas, os editoriais de *A Tarde* decretavam o gradual afastamento de Cuba de certos “postulados democráticos”, típicos, para o jornal, da América.

Palavras-chave:

Santos, Milton, 1926-2001
Cuba – história – revolução, 1959
Jornais brasileiros – Bahia

O presente texto é parte de uma pesquisa de maior amplitude que avalia a cobertura da Revolução Cubana pelo jornal *A Tarde* entre 1959 e 1964, financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), sob a orientação do Prof. Dr. Muniz Gonçalves Ferreira.

Diante de um formidável movimento de opinião como foi e está sendo a atual revolução de Fidel Castro, o estrangeiro tem de usar de cautela, se quer emitir opinião ou julgamento. Mas, a oportunidade de viver no próprio cenário dos acontecimentos, (...), permite uma tomada de consciência muito mais autêntica do que ensejam as interpretações, não raro deformadas, que chegam de outras fontes. Isso, sem dúvida, não exclui a observação de ser estritamente pessoal o depoimento aos leitores da "A Tarde" sobre o que vimos em Cuba.¹

Era 1960 e concorriam às eleições presidenciais no Brasil os candidatos Henrique Teixeira Lott, Jânio Quadros e Adhemar de Barros. No mês de março, o embaixador cubano no Brasil dirigiu aos dois primeiros um convite a uma visita ao seu país, em nome daquele governo. Após consultar seus principais assessores e sua base política, e tendo observado posições que ressaltavam a importância de aceitar o convite como meio de redimensionar sua imagem junto a setores progressistas que o viam como um representante das elites e dos trustes, Jânio, diferente de Lott, o aceitou.² Protegera-se das críticas de alguns setores que consideravam sua ida a Cuba como inoportuna diante das posições contrárias aos Estados Unidos tomadas por aquele país, alegando que “um candidato à presidência da República não pode ignorar fatos políticos do mundo contemporâneo”.³

Importante notar que, naquele contexto, figurava como o candidato “nacionalista”, obtendo declaração de apoio inclusive de setores da esquerda - incluindo a do então clandestino Partido Comunista Brasileiro (PCB) - Teixeira Lott. Assim, sua recusa fora recebida por alguns com certa surpresa, já que os setores progressistas em geral mantinham uma posição favorável ao regime cubano, que gradativamente se consolidava.⁴ A comitiva,

1 Milton Santos, “Visita a uma revolução: os fundamentos históricos e econômicos”, *A Tarde*, 13/04/1960, p. 5.

2 Sobre o convite e as ponderações da base de Jânio Quadros acerca do tema, ver Tânia Quintaneiro, *Cuba e Brasil: da revolução ao golpe (1959-1964): uma interpretação sobre a política externa independente*, Belo Horizonte, Editora UFMG, 1988.

3 Afirmou ainda que: “Vou, pois, sem partidarismos nem paixões, conhecer causas, diretrizes e propósitos da revolução cubana para fazer o meu juízo e, assim, bem informado, servir à nossa terra. O temor e a ignorância nada constroem”. (“A Federação é um mito”: diz a ‘A Tarde’ em Fortaleza o candidato Jânio Quadros”, *A Tarde*, 30/03/1960, p. 1).

4 Mais tarde, no entanto, o PCB formularia suas críticas ao modelo de revolução propugnado pelos dirigentes cubanos, representado pela teoria do foco guerrilheiro, mantendo, entretanto, o friso da importância daquele movimento para a América Latina. Ver, neste sentido, Jean Rodrigues Sales, *O impacto da revolução cubana nas organizações comunistas*

formada por políticos da base de apoio de Quadros, além de quatorze jornalistas convidados, esteve em Cuba em fins de março de 1960 e contou com a presença do geógrafo, e então colaborador do jornal *A Tarde*, Milton Santos. Foi o primeiro contato de jornalistas brasileiros com a realidade cubana pós-1959, cuja imagem chegava por aqui moldada pelas tendências das agências internacionais de informação.

Na aparente contradição, o retrato amplo das indefinições

Milton Santos nasceu em Brotas de Macaúbas, na Bahia, em 1926. Morou em diversas cidades do estado até que, em 1948, já em Salvador, formou-se em Direito. Mais tarde dedicou-se aos estudos na área de Geografia, lecionando por algum tempo esta disciplina no Colégio Municipal de Ilhéus, e obtendo, em 1958, o título de doutor nesta área pela Universidade de Estrasburgo (França). Ao regressar ao Brasil, lecionou na Universidade Federal da Bahia, onde fundou o Laboratório de Geomorfologia e Estudos Regionais e passou a trabalhar também como jornalista do jornal *A Tarde*, expediente que cumpriria até 1964.⁵ Fora, na visita de Quadros a Cuba, como o “representante de *A Tarde*” indicado pelo então redator-chefe Jorge Calmon, e assinou uma série de artigos publicada no jornal ao longo do mês de abril de 1960.⁶ Sua evidente simpatia com o novo regime marcara a coluna intitulada “Visita a uma revolução”, em que Santos avaliou, a partir de observações e diálogos travados em Cuba, em textos com alguma riqueza de detalhes, determinados temas como: imprensa em Cuba, opositores da revolução, tribunais revolucionários, entre outros.⁷

Alguns aspectos tornam o expediente relevante para o que estamos propostos a discutir na pesquisa que abriga os resultados aqui

brasileiras, Tese (Doutorado em História), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005. Sobre a recusa de Lott, o próprio Milton Santos diria: “É mais fácil compreender porque Fidel Castro fez convite a ambos candidatos presidenciais para virem a Cuba, do que as razões de Lott para recusá-lo” (Santos, “Visita a uma revolução: dois coelhos, duas cajadadas”, *A Tarde*, 09/04/1960, p. 5).

- 5 Para uma biografia coletivamente construída de Milton Santos, ver Maria A. Aparecida de Souza (org.), *O mundo do cidadão, um cidadão do mundo*, São Paulo, Hucitec, 1996.
- 6 Ver Jorge Calmon, “O jornalista Milton Santos”, in: Souza (org.), *O mundo do cidadão, um cidadão do mundo*, p. 62-64.
- 7 Achei importante mencionar o caráter detalhado da abordagem de Santos por se tratar de uma primeira distinção dos textos, quando comparados às notícias até então impressas pelo jornal, cujas informações geralmente careciam de dados complementares.

apresentados. Destes, o fato dos escritos do intelectual evidenciarem uma tendência opinativa que não acompanhava as críticas já envidadas pelo jornal a aspectos do novo regime cubano é central. Além disso, duas outras dimensões são importantes: a quebra de certo monopólio informativo das agências de notícias internacionais na cobertura do caso cubano, uma vez que em nenhum outro momento do período 1959-1964 *A Tarde* enviou jornalistas seus para cobrir o processo revolucionário;⁸ e a denúncia, nestes escritos, de deturpações noticiosas intencionalmente fabricadas pelos “meios de propaganda”, com relação ao que se passava em Cuba naqueles anos.⁹

Foram, ao todo, treze textos publicados ao longo do mês de abril de 1960. Santos ganhara um espaço na página 5 e outro na última página (16). O autor procurou analisar fenômenos importantes da nova realidade cubana isentando-se de determinados valores e modelos que já apareciam de maneira clara na linha opinativa de *A Tarde*, expressos em editoriais como “Vitória ensangüentada”¹⁰ e “O preço da liberdade”.¹¹ Em tais editoriais, ainda que mantendo uma posição conciliatória com relação a Cuba, evitando textos inteiramente condenatórios e ressaltando alguns aspectos positivos do levante liderado pelo Movimento 26 de Julho, o jornal vinha demonstrando uma oposição ao modelo político que gradualmente ia se implementando na ilha, centrada na crítica aos tribunais revolucionários e aos passos nacionalizantes do novo governo.

Tal tendência aparecia reproduzida em *A Tarde* acompanhando as tendências informativas da agência de notícias utilizada para a reprodução do noticiário internacional neste veículo: a Associated Press. Transcrevo abaixo dois trechos do editorial “Vitória ensangüentada”, no qual tal conciliação pode ser encontrada:

Como o Congresso e a imprensa norte-americanos, traduzindo um sentimento aliás mundial, verberassem o procedimento dos atuais detentores do poder na República de Cuba, estes procuram levar sua testada com a alegação de que “pelo menos 20.000 pessoas foram sacrificadas, torturadas e perseguidas pelo terrorismo de Batista e seus ‘sequazes’”.

8 Acredito ser possível estender essa característica aos demais jornais brasileiros do período.

9 Presente, por exemplo, em: Santos, “Visita a uma revolução: Cuba e os Estados Unidos”, *A Tarde*, 29/04/1960, p. 5 e 16.

10 “Vitória ensangüentada”, *A Tarde*, 17/01/1959, p. 4.

11 “O preço da liberdade”, *A Tarde*, 19/01/1959, p. 3.

Na verdade a vocação com que se apresentam aos olhos do mundo ameaça os revolucionários cubanos de perderem a aura de simpatia que os cercava. Oxalá passe depressa a euforia sanguinária e o novo regime possa logo entregar-se às tarefas de reconstrução do país, punindo os liberticidas, mas agindo com tolerância e humanidade, como deve ser entre irmãos.¹²

No primeiro trecho, chama atenção a demarcação de uma atitude moral tomada pelas instituições estadunidenses na denúncia ao recém-instalado governo cubano. A legitimação da atitude é efetivada através da argumentação de que o “sentimento” expresso pelos Estados Unidos era “mundial”, ou seja, compartilhado por um grupo indefinidamente amplo de pessoas e instituições ao redor do mundo. Vê-se que, concordando com o tom geral expresso pela cobertura das agências estadunidenses de notícias, *A Tarde* posicionou a poderosa nação do norte como um centro irradiador de uma mensagem moralmente legítima de crítica, mesmo que ainda cautelosa, às execuções em Cuba. Ainda nesse trecho, percebe-se uma relativa desqualificação do argumento central do governo cubano na defesa da continuidade dos julgamentos e das execuções. O termo “testada”, que em sentido figurado significa erro ou tolice, invalida, a priori, possíveis argumentações do governo cubano defendendo os processos.

Vale ainda frisar que a vinculação a um padrão político-discursivo que guardava aos Estados Unidos a posição de defensor estratégico de uma “democracia” ocidental aparecia de maneira clara nos editoriais do jornal, apontando aquele país como nação senhora dos destinos dos povos do Ocidente, responsável pela guarda contra o “perigo vermelho” e representante de um ideal de sociedade e de um estilo de vida do qual o jornal se classificara como defensor. Para o jornal, “a escolha de um estilo de vida, nas condições do mundo atual, depende tanto da determinação dos povos quanto de conjunturas a êles estranhas” e, uma vez que “o mundo não quer ser comunizado, os Estados Unidos, como líder do bloco ocidental, têm uma grande responsabilidade na preservação da liberdade da democracia, como a entendemos nós e êles próprios”.¹³ Demarcava, assim, sua posição frente à polaridade característica da disputa entre o que se convencionou chamar de blocos capitalista e socialista, no contexto da Guerra Fria. Mais ainda, referendava a posição reivindicada pelos Estados Unidos e expressa

12 “Vitória ensangüentada”, p. 4.

13 “O perigo é comum”, *A Tarde*, 25/06/ 1960, p. 5.

através da Doutrina Truman de nação guardião do mundo ocidental contra o avanço comunista, lembrando-os de sua “grande responsabilidade” neste aspecto.

Sobre o segundo trecho selecionado, vale considerar que em primeiro lugar a tese central era a de que a “aura de simpatia” que conquistara o êxito rebelde estava ameaçada, mas não definitivamente comprometida com as execuções públicas. Além disso, a punição aos criminosos de Batista não era algo rechaçado. O texto apresenta-os como “liberticidas” e, assim, passíveis de punição. No entanto, a tarefa de reconstruir o país é colocada como elemento ideal a nortear os anseios do novo governo, em detrimento das ações revolucionárias punitivas. Ao final, o trecho evoca a moralidade e o sentimento fraternal como variáveis importantes na condução dos trabalhos, necessárias para a contenção da “euforia sanguinária” dos rebeldes.

O caráter conciliatório da representação impede a afirmação de que já se fazia visível, em 1959, uma intensificação de um oposicionismo ao regime cubano. Há aí um diálogo claro entre a simpatia conquistada e a crítica às condenações capitais. Neste sentido, parece pertinente concluir que para *A Tarde*, aderindo às tendências ideológicas das agências estadunidenses, os limites para a lógica revolucionária estariam situados na garantia de vida a todos os militares e policiais envolvidos nos crimes da ditadura de Fulgêncio Batista. Observando tais tendências, poderíamos questionar: por que motivo *A Tarde* teria publicado o material produzido por Milton Santos, já que rivalizava com opiniões do vespertino, já explanadas em alguns de seus editoriais?

Para este expediente, infelizmente, não podemos contar com a contribuição oral dos indivíduos diretamente envolvidos no processo de construção e publicação dos textos jornalísticos analisados: autor, diretor e redator-chefe. No entanto, sobre tais motivos, cabem algumas especulações pautadas na leitura atenta dos manuscritos e na percepção das transformações graduais das tendências opinativas de *A Tarde* com relação a Cuba, ao longo do período analisado. Primeiro: apesar de não considerá-lo determinante, aponto o fato de o jornal ter anunciado como seu representante oficial o professor Milton Santos naquela comitiva. Suas contribuições e impressões eram, assim, naturalmente aguardadas por

leitores e colegas.¹⁴ Segundo: o paradoxo aparente entre os escritos de Santos e a tendência opinativa do jornal até ali evidenciada - pautada em grande parte nas representações contidas nas matérias enviadas via telégrafo ou avião pelas agências noticiosas estadunidenses - ilustrava uma situação mais ampla de indefinições gerais da imprensa mundial com relação à realidade cubana. Tratava-se de uma etapa claramente anterior a uma outra que se iniciaria a partir de 1961 com a determinante sucessão dos fatos: invasão da Baía dos Porcos, declaração socialista e rompimento radical de relações entre Estados Unidos e Cuba. Nesta segunda fase, a imprensa liberal, receptiva ao discurso anticomunista emanado pela linha opinativa dos textos das agências transnacionais de notícias, passou a tratar Cuba como ameaça à América, modelo de ditadura ilegítima e até como centro de “campos de concentração”.¹⁵ Assim, a gravidade e/ou importância que possamos dar hoje a esta aparente incoerência editorial não estaria dada àquele momento.

Além disso, podemos especular a combinação das duas explicações citadas ou até mesmo a inexistência de uma controvérsia gerada pela leitura dos textos de Milton Santos pelos seus colegas editores, antes de serem publicados. Entretanto, controversa ou não, a distância opinativa pode ser claramente percebida. Selecionei alguns pontos levantados por

14 Assim informou *A Tarde*: “O dr. Milton Santos demorar-se-á em Cuba durante cerca de 10 dias. No seu regresso, publicará na “A Tarde” uma série de artigos sobre a situação na referida república, analisando com a lucidez e imparcialidade que caracterizam seus trabalhos, as condições políticas, sociais e econômicas ali vigentes, tomando como ponto de referência os atos do governo Fidel Castro”. (“Redator de ‘A Tarde’ vai a Cuba”, *A Tarde*, 28 / 03/1960, p. 3).

15 No Brasil, a intensificação da oposição ao regime cubano nesta segunda fase (1961-1964) também se explica pela oposição de setores conservadores à “política externa independente” levada a cabo pelos presidentes Jânio Quadros e João Goulart, através da qual Cuba aparecia como ponto nevrálgico do acirramento das tensões ideológicas (ver Rodrigo Patto Sá Motta, *Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*, São Paulo, Perspectiva, 2002 e Quintaneiro, *Cuba e Brasil*). Vale a pena transcrever, para que se tenha uma ideia da tendência geral opinativa de *A Tarde* com relação a Cuba neste segundo momento, trecho do editorial “O figurino de Havana”, de 22 de março de 1964, num momento ápice da propaganda anticomunista no Brasil e da utilização de Cuba como elemento central das referências ao comunismo, e ao risco de sua propagação pela América e conseqüente chegada ao Brasil: “A realidade política de Cuba é bem diversa daquela que apregoam os vermelhos de lá e de cá. Em lugar da liberdade, predomina a violência e os debates, tão sadios, francos e necessários na democracia, foram substituídos pelos campos de concentração. (...). Este é apenas um dos aspectos negativos do comunismo, que os seus agentes não anunciam, mas em contra partida não dispõem de elementos para desmentir. E ainda assim, sem nenhuma cerimônia, é uma cópia do regime de Krushev e Fidel Castro que se esforçam, impatrioticamente, para impor ao Brasil !” (“O figurino de Havana”, *A Tarde*, 22/03/1964, p. 4).

Santos e que acredito serem importantes para validarmos as observações descritas.

Sobre os temas tratados

No primeiro artigo da série, “Dois coelhos, duas cajadadas”, o autor avaliou as possíveis repercussões da visita do candidato que acompanhava em Cuba. Levantava, neste sentido, a possibilidade de Quadros “incompatibilizar-se com a área pro-norte-americanos da opinião brasileira”.¹⁶ Uma classificação justa acerca de setores da opinião pública, e inclusive aplicável na avaliação do comportamento de *A Tarde* naqueles anos.

É fato que a anunciada viagem de Jânio Quadros havia motivado a publicação de inúmeras notas no jornal, escritas por alguns colunistas colaboradores. Nestas, a tendência geral era, utilizando a terminologia de Santos, de incompatibilidade. Em 16 de março, por exemplo, *A Tarde* publicou a opinião contrária do então cardeal-arcebispo do Rio de Janeiro D. Jaime de Barros a viagens de parlamentares brasileiros a Cuba, cujas notícias “são as mais desencontradas”.¹⁷ Dias após, a coluna do jornalista Cruz Rios, que apesar de ver em Jânio Quadros um símbolo de uma nova mentalidade política brasileira, desvinculada de valores externos, avaliava, no entanto, que “para guardar a coerência com o panorama político de sucessão o sr. Jânio Quadros não deveria ir a Cuba”. Para o colunista, caberia ao Marechal Lott, apoiado pelos “bolchevistas indígenas”, isto sim, aceitar o convite. Ao final, entretanto, também considerava a viagem, em seu aspecto positivo, como símbolo de desvinculação ideológica, para ele característica de Jânio Quadros.¹⁸

Mas a opinião de *A Tarde* sobre a controvertida viagem ficara mesmo registrada no exemplar de 2 de abril de 1960. Nele, no espaço editorial, o jornal fazia um balanço das candidaturas de Jânio e Lott, avaliando o primeiro como um “irrequieto candidato” que, ao tomar atitudes como a de aceitar o convite a Cuba, “está desperdiçando a melhor oportunidade de sua carreira em demonstrações negativas”. Em

16 Santos, “Visita a uma revolução: dois coelhos, duas cajadadas”, p. 5.

17 “Duas opiniões do cardeal D. Jaime”, *A Tarde*, 16/03/1960, p. 1.

18 Cruz Rios, “Ao correr da pena: especial para *A Tarde*.”, *A Tarde*, 28/03/1960, p. 4.

contrapartida, fazia referência elogiosa à equipe assessora de Lott que aconselhou o candidato a não aceitar o convite cubano, “o que repercutiu muito bem diante da declaração do líder cubano de que ‘a democracia da América Latina era um mito’”.¹⁹

Milton Santos, no entanto, procurava ver a revolução cubana por um outro prisma, ponderando inclusive sobre a ausência de eleições e outros elementos típicos do modelo democrático representativo, apontando, por exemplo, o “receio” por parte dos dirigentes de que “a corrupção azinhavre a vontade do povo, permitindo a subida ao poder de políticos sem compromisso com a revolução, ou que facilmente se rendam aos grandes interesses comerciais”²⁰, concedendo, assim, espaço raro para as justificativas do governo rebelde, neste quesito. A simpatia marcava os textos, tanto na avaliação positiva do contato com aquele país quanto na atribuição de um caráter de “símbolo” ao movimento, ressaltando elogiosamente sua luta contra o imperialismo sustentado pela ação de grandes empresas:

Não há quem se ponha em contacto direto com os fatos que recuse a êsse movimento a sua grande importância. Tem o valor de um símbolo, na luta contra a pobreza e o subdesenvolvimento, que às vezes se confundem com a própria luta contra os trustes internacionais, que sugam o resultado do trabalho dos povos.²¹

Santos demonstrava convicção acerca do caráter não-comunista da revolução cubana, acusando “camadas da opinião brasileira” de, levemente, confundirem as posições “anti-trustes” do governo cubano com “tolerância em relação ao comunismo ou à Rússia soviética”²². Acusaria ainda os trustes de vincular Cuba com “certas ideologias e métodos que a maioria dos governos e a maior parte da população das Américas repele, como, por exemplo, o comunismo”.²³ Não seria possível, no entanto, afirmar que Milton Santos manteve uma posição anticomunista neste período e nestes escritos, já que, em nenhum momento, o afastamento teórico de Cuba do comunismo por este autor culminou com uma crítica ao Estado socialista, da maneira

19 “Excessos de propaganda”, *A Tarde*, 02/04/1960, p. 5.

20 Santos, “Visita a uma revolução: Cuba e os Estados Unidos”, p. 5.

21 Santos, “Visita a uma revolução: a Revolução continua”, *A Tarde*, 14/04/1960, p. 5.

22 Santos, “Visita a uma revolução: dois coelhos, duas cajadadas”, p. 5.

23 Santos, “Visita a uma revolução: Cuba e os Estados Unidos”, p. 5.

como ficava evidente, por exemplo, em outros textos analisados do período e publicados no próprio jornal *A Tarde*.

Milton Santos também analisou as bases históricas do domínio estadunidense sobre a ilha de Cuba, apontando ainda alguns dados sobre as ligações entre empresas e homens públicos dos Estados Unidos com os centros de decisões políticas cubanos e com a ditadura de Batista.²⁴ Fez, neste sentido, menção à “emenda Platt”, que converteu Cuba numa nação praticamente tutelada pelos Estados Unidos em 1901 e que gerou no povo cubano um sentimento de oposição às aspirações imperialistas do vizinho rico. Também avaliou, no mesmo texto, a concentração intensa de propriedades de terras que marcava a economia cubana antes do advento revolucionário, observando que “enquanto apenas 1 por cento dos proprietários possuía mais da metade das terras agrícolas, a grande maioria dos camponeses não dispunha de um palmo de gleba para plantar”.²⁵

Na coluna, o autor realiza uma conexão direta entre os Estados Unidos e a situação a qual estava submetido o povo cubano antes de janeiro de 1959, o que costumava ser evitado nos textos das agências noticiosas. Deste modo, diz que a

revolução social, pretendendo distribuir mais justiça em seu próprio país, não podia deixar de atingir os Estados Unidos, cujas emprêsas residentes em Cuba tinham interesses muito profundamente ligados à situação moral, política e econômica que a revolução iria derrubar.²⁶

Em outro artigo, entra no pantanoso terreno do tema dos tribunais revolucionários, argumento-chave para as críticas do governo estadunidense e da imprensa liberal entre 1959 e 1960. Ao avaliar a posição geral do governo cubano com relação ao tema, Santos, após considerar os limites e contradições inerentes aos tribunais, apontando o problema deles instalaram-se diante de um clima revolucionário, expressa, no entanto, que:

os cubanos, porém, apontam êsse Tribunal Revolucionário como um motivo de elogio, não de crítica. Ora, dizem todos, seria muito mais perigoso e grave se se deixasse o povo indignado fazer justiça por suas próprias mãos. O Tribunal

24 Santos, “Visita a uma revolução: os fundamentos históricos e econômicos”, p. 5 e 16.

25 Santos, “Visita a uma revolução: os fundamentos históricos e econômicos”, p. 5 e 16.

26 Santos, “Visita a uma revolução: os fundamentos históricos e econômicos”, p. 5.

julga os acusados, mandando-os depois cumprirem as penas a que se sujeitaram. Não houve um só trucidamento, linchamento ou assassinato.²⁷

Percebe-se que o autor apresenta duas dimensões relacionadas ao evento que não figuravam entre as representações contidas nas notícias e editoriais impressos por *A Tarde* até aquele momento. A primeira diz respeito a conceder espaço ao argumento dos dirigentes cubanos na abordagem do sentimento de indignação presente no seio do povo cubano, capaz de abrir brecha para vinganças não-legais. A outra aparece no friso da inexistência de ações sumárias promovidas pelo governo ou pelo povo cubano, sejam elas de “trucidamento, linchamento ou assassinato”.

Já no artigo sobre a reforma agrária cubana, como contraponto às idéias até então difundidas pelas agências noticiosas, que não apontavam outros meios senão o da expropriação para a utilização de latifúndios em Cuba para fins de reforma agrária, Santos explicou os três métodos possíveis para a conversão. O primeiro seria o da compra das terras pelo Instituto Nacional de Reforma Agrária (INRA) cubano. Neste caso, o valor-base para a operação seria aquele declarado por último pelo proprietário ao fisco para fins de recolhimento de impostos. A título de exemplo, Santos citou o caso da *United Fruit* que “agora esbraveja porque, de acordo com as suas próprias declarações, o govêrno de Fidel Castro só vai lhe pagar menos de um quinto do que, agora, alega ter direito”.²⁸ A segunda maneira seria o da expropriação de terras pertencentes a ex-funcionários do Estado ou afins que, processados, não puderam explicar a origem do dinheiro para a compra das propriedades. Havia ainda um terceiro método: o da expropriação das terras de alguém acusado de corrupção ou roubo, antes mesmo da conclusão das investigações. Em caso de inocência comprovada, o latifundiário receberia uma indenização pela conversão.²⁹

De toda a análise empreendida pelo articulista, a partir da leitura do conjunto dos artigos, a discussão mais diretamente ligada ao que tenho me esforçado em abordar de maneira central na pesquisa à qual se conecta o presente artigo, é mesmo a expressa na sua coluna do dia 29 de abril de 1960. Nela, a questão da propaganda exercida pelas agências de notícias a

27 Santos, “Visita a uma revolução: a revolução continua”, p. 5.

28 Santos, “Visita a uma revolução: dividindo as terras”, *A Tarde*, 25/04/1960, p. 5.

29 Santos, “Visita a uma revolução: dividindo as terras”, p. 5.

partir de demandas de grupos internacionais é diretamente abordada. Caso raríssimo nos exemplares analisados, a denúncia às “deturpações” contidas nas notícias sobre Cuba difundidas na imprensa internacional feita por Santos põe em discussão, por conseguinte, a sistemática fabricação de consensos sobre o tema, transmitidos pelos “meios de propaganda”, mas orientado, para ele, pelos trustes internacionais.³⁰

Neste aspecto, no entanto, Santos não vincula tal ação às demandas dos órgãos governamentais estadunidenses, tal como consideramos válido entender, tratando-a apenas como atividades orientadas pelos interesses de determinados grupos empresariais afetados pelas ações do novo governo cubano. Assim, a denúncia isentava o governo estadunidense de participação no referido expediente, o que considero um limite do texto, já que tenho considerado a utilização consciente dos veículos de comunicação pelos Estados Unidos (neste caso) como instrumento-chave no contexto da Guerra Fria, concordando com a historiadora Elisa Servin.³¹ Mais ainda, percebo tal utilização como componente da atividade de hegemonia cultural-informativa, exercida para além das fronteiras nacionais e, no caso cubano, justificadora de ações contra-revolucionárias já em curso naquele momento.

Interessante mencionar que, mais de quarenta anos mais tarde, Milton Santos refletiria diante de uma câmera sobre o tema do controle da informação pelas agências internacionais. Ainda que estivesse tratando-o de maneira conectada à análise do fenômeno da globalização contemporânea, a observação mostra-se perfeitamente aplicável para os fenômenos que aqui temos discutido:

A chamada “mídia” tem um papel de intermediação que a gente talvez não possa dizer que é inocente, mas não parte dela realmente, ou não é dela o poder. O poder é de um pequeno número de agências internacionais da informação, estreitamente ligadas ao mundo da produção material, ao

30 Santos, “Visita a uma revolução: Cuba e os Estados Unidos”. “Raríssimo” porque em apenas um outro texto, do jornalista Fernando Sabino - que apesar de não ser funcionário de *A Tarde* enviava textos ao diário e esteve em Cuba com Jânio Quadros - pude verificar, impresso no jornal baiano, tal consideração. Disse ele: “Como separar o verdadeiro do falso nas notícias que nos chegam? Os jornalistas que estiveram em Cuba recentemente puderam verificar com os próprios olhos como aquele país está submetido a um verdadeiro cerco de notícias falsas ou tendenciosas que dali se espalham para o resto do mundo” (Fernando Sabino, “A próxima invasão”, *A Tarde*, 23/04/1960, p. 2).

31 Elisa Servin, “Propaganda y Guerra Fría: la campaña anticomunista en la prensa mexicana del medio siglo”, *Signos Históricos*, 11 (2002), p. 9-39.

mundo das finanças, e que controla de maneira extremamente eficaz a interpretação do que está se passando no mundo. E de uma forma que se torna clara quando a gente pega os jornais e vê a repetição quase que servil das mesmas fotografias, das mesmas manchetes, das mesmas idéias, dos mesmos debates; que indicam que alguma coisa está por trás de tudo isso.³²

Penso que o poder ao qual se refere Milton Santos é o de impor os contornos do mundo e de sustentar imagens, interpretações e estereótipos como verdades. Se na sociedade “globalizada” de hoje tal poder, exercido por essas agências, é identificado por Santos, observa-se que tal condição já se fazia verificável durante os anos da Guerra Fria, quando essas empresas já apareciam em caráter transnacional. Consolidando-se como hegemônicas do ponto de vista informativo, as agências de notícias passaram a dominar os espaços jornalísticos, prestando um serviço à “mídia” em geral. Esta, por sua vez, possui efetivamente um papel de intermediação, como aponta Santos, o qual não pode, concordo, ser entendido como inocente, já que os valores adotados tendem a se adequar ao perfil institucional das empresas compradoras dos textos.

Milton Santos também escreveu sobre a imprensa em Cuba e abordou, de maneira central, os jornais de oposição, analisando de que maneira se dava a relação entre a Revolução e estes. Situou, assim, os dois jornais oposicionistas circulantes: *Diario de la Marina* e *Prensa Libre*, e explicou a prática da “coletilla” ou “aclaración”, em que o comitê de empregados publicava nestes jornais, quando havia discordância com relação às opiniões emitidas, uma tarja na parte inferior da página apresentando tal oposição.

Também citou, em linhas gerais e a partir de informações do governo, alguns aspectos políticos dos jornais, como as benesses ofertadas a *Prensa Libre* durante a ditadura de Batista, adquiridas “por meios tortuosos”, além da corrupção da família Carbó, proprietária do jornal. Sobre *Diario de la Marina*, levantou as acusações ao periódico feitas sobre a “oposição aos ideais populares” e sua “subserviência aos interesses estrangeiros”. Não eram, friso, constatações de Milton Santos, mas considerações sobre as acusações feitas pelo governo e pelo povo em geral aos jornais. Terminava

32 Silvio Tendler, *Encontro com Milton Santos ou o mundo globalizado visto do lado de cá*, Rio de Janeiro, Caliban Produções Cinematográficas, 2006, DVD, 86 min. cor. A entrevista foi gravada em 4 de janeiro de 2001, cinco meses antes de Milton Santos falecer.

Santos dizendo que se “do ponto de vista teórico” havia liberdade de imprensa, “de um ponto de vista prático é temerário responder afirmativamente”, já que os proprietários não dispõem de meios “para impedir que em suas gazetas sejam chamados de mentirosos, mendazes e antirevolucionários”.³³ Discussões e dados novos para o leitor de *A Tarde*.

No último texto da série, Milton Santos procurou avaliar as perspectivas que se anunciavam para Cuba, opinando que se “no plano interno, a revolução está vitoriosa”, no cenário das relações internacionais, a situação mostrava-se complicada. Observando as crescentes oposições do país caribenho frente aos Estados Unidos, Santos considerou a possibilidade, naquele momento bem perceptível, da deflagração de um boicote enviado pela nação do norte, o que “poderia conduzir Cuba a grandes dificuldades”. Para contornar o problema, sugeria Santos que fosse concedido

o apoio maciço dos países latino-americanos, não apenas de um ponto de vista moral, mas de maneira efetiva, forçando um comércio mais amplo que os tirasse das dificuldades. Mas, respondamos com franqueza, será lícito esperar que venha isso a acontecer? Não parece provável.³⁴

Concluía o artigo voltando a atribuir a Cuba o caráter de “símbolo, que os outros povos dêste hemisfério passiva ou ativamente reconhecem”. E referia-se ainda à necessária vigilância da opinião pública latino-americana com relação a possíveis investidas contra a ilha, lembrando a importância do cuidado na estratégia dos Estados Unidos com relação a Cuba, zona de fricção.

Trata-se, evidentemente, de uma representação bem diversa daquelas engendradas pelos editoriais de *A Tarde*; pois mesmo considerando que nos primeiros dias de 1959 a exaltação foi a tônica do discurso daquele jornal,³⁵ a crítica parcial e a cautela passariam a dominar as opiniões a partir,

33 Santos, “Visita a uma revolução: os jornais”, *A Tarde*, 20/04/1960, p. 16.

34 Santos, “Visita a uma revolução”, *A Tarde*, 30/04/1960, p. 5.

35 O primeiro editorial de *A Tarde* após o triunfo revolucionário foi publicado em 2 de janeiro de 1959. Sob o título “Uma ditadura a menos”, o texto exaltou a vitória dos rebeldes e a derrubada do ditador Fulgêncio Batista como o triunfo das forças populares cubanas sobre uma ditadura ilegítima (“Uma ditadura a menos”, *A Tarde*, 02/01/1959, p. 4). A tendência do texto acompanhava a também celebrativa recepção da grande imprensa internacional ao triunfo rebelde. *The New York Times*, principal jornal estadunidense, por exemplo, declarou: “As notícias que o presidente Fulgêncio Batista teria celebrado o Ano Novo fugindo de Havana para o abrigo preparado pelo seu companheiro-ditador, Trujillo, na República Dominicana, foram bem recebidas no país. Nós saudamos o sucesso do movimento liderado

entre outros elementos já abordados, da ênfase do discurso anti-imperialista por parte da nação do Caribe. Tomar Cuba como um símbolo, em abril de 1960, num texto impresso num jornal declaradamente pró-estadunidense parece, efetivamente, algo ousado.

Percebe-se que a referência aos países vizinhos americanos se dá aqui sob a forma de conclave de apoio ao regime instalado no país caribenho – dadas as dificuldades previstas –, diferente do que viria a ser veiculado por *A Tarde* no mesmo mês, atribuindo às nações americanas o dever de lutarem pelos “altos princípios” democráticos contra o ataque frontal à liberdade de imprensa, promovido pelo governo cubano em ocasião do fechamento do jornal *Diario de la Marina*.³⁶ Além disso, se Santos vê aqui Cuba em sua possibilidade de aproximação aos países americanos a partir de seu exemplo, os editores de *A Tarde* veem-na como um modelo em constante afastamento da consciência democrática típica de uma América que, não querendo comunizar-se, deixar-se-ia capitanear pelos Estados Unidos da América e pelo seu estilo de vida e valores.³⁷

Leituras do retorno

*Que revolução é essa? Poderá o leitor perguntar.
Revolução comunista? Revolução de rapazes que se diriam imberbes,
não fossem os bastos pêlos que escondem, no seu rosto, a mocidade?
Revolução de poetas e sonhadores? É uma revolução romântica,
no sentido mais puro da palavra, onde todos acreditam
num futuro mais belo: revolução de idealistas.
É uma revolução moralizada e moralizadora: não há notícias
de abusos, até agora praticam o que pregaram.*³⁸

pelo devotado Fidel Castro, o qual Herbert L. Mathews, deste jornal, descreveu há aproximadamente dois anos como disposto a lutar por ‘uma nova ordem para Cuba: radical, democrática e portanto anticomunista’ (“Fidel Castro's Cuba”, *The New York Times*, 18/01/1959, p. e12), disponível parcialmente em: <http://select.nytimes.com/gst/abstract.html?res=F30812F93D5C1A7B93CAA8178AD85F4D8585F9&scp=5&sq=fidel+castro&st=p>, acesso em 16/09/2009. A tradução e o grifo são meus.

36 “Liberticida”, *A Tarde*, 19/05/1960, p. 5.

37 Ver “O perigo é comum”, p. 5.

38 Santos, “Visita a uma revolução: a revolução continua”, p. 16.

A simpatia de Santos com o governo cubano e com a situação vista durante aquele breve período em Cuba, que ora aparece na forma de exaltação das qualidades morais dos dirigentes cubanos e ora no friso do apoio maciço da população ao novo governo, fez-se evidente. As atribuições negativas que começavam gradativamente a compor a tendência predominante dos comentários jornalísticos liberais brasileiros - seja nas qualificações de Fidel como um caudilho ou na atribuição do caráter sumário e imoral aos tribunais revolucionários - não figuraram nos escritos do professor que, apesar de não vincular-se em termos teóricos, em nenhum dos textos, a correntes de pensamento de esquerda, mostrou-se receptivo a posições favoráveis a Cuba, naquele momento difundidas por alguns setores progressistas.³⁹

Ao retornar, fora atribuído pelo jornal, inclusive, uma certa influência exercida pela visita ao país do Caribe e pelo contato com os seus dirigentes, como importantes para um retorno repleto de boas impressões. Numa charge do dia 4 de abril, Milton Santos, Jânio Quadros e Juracy Magalhães Junior - político baiano udenista que havia acompanhado a delegação como membro da base de apoio de Quadros -, identificados pela caricatura e pelas iniciais de seus nomes desenhadas nas respectivas malas, retornam barbudos e influenciados pelo regime cubano, da visita àquele país.⁴⁰

Num contexto de Guerra Fria, onde posições intermediárias pareciam impossíveis diante da polarização esquerda/direita, as menções elogiosas de Milton Santos ao governo cubano que gradativamente radicalizava sua ruptura com os Estados Unidos, com ações como a nacionalização de importantes refinarias de petróleo como a Shell e a Texaco,

39 Bem mais tarde, Santos afirmaria a influência marxista sobre o seu pensamento e sua metodologia de análise da realidade: "Eu me considero um marxista (...). Sobretudo hoje, porque com a globalização, o que sobrou do socialismo fundado em realidades profundas como no caso da China, por exemplo; e no mundo ocidental, que nós aprendemos mais a conhecer, interpretar e analisar, se tornou todo ele capitalista... Então, se tudo se torna capitalista, obrigatoriamente se instala a contradição". Tandler, *Encontro com Milton Santos*. Apesar disso, seria precipitado ou exagerado afirmar que tal posição já estaria demarcada em 1960, ou que pressupostos marxistas teriam sido considerados quando Milton Santos escreveu os textos aqui analisados.

40 A gravura mencionada foi publicada em *A Tarde*, 04/04/1960, p. 5. Com o então deputado Juracy Magalhães Júnior fora ainda realizada uma entrevista pelo jornal, na qual o político discorreu sobre as origens da revolução cubana, num tom não menos elogioso que o evidenciado nos textos de Milton Santos: "O observador imparcial que chega a Cuba nota a seriedade e a salutar intenção de propósitos que ornaram o carácter dos líderes revolucionários". Juracy Magalhães Jr., "A Revolução Cubana nasceu nos campos", *A Tarde*, 13/04/1960, p. 2.

aumentando, paralelamente, suas parcerias comerciais e políticas com a União Soviética, puderam ter soado como esquerdismo para alguns setores, os quais já haviam conferido a Fidel Castro a imagem de um caudilho esgotado mentalmente.⁴¹

Em 19 de abril de 1960, enquanto prosseguia a publicação dos textos de Milton Santos, a coluna assinada pelo jornalista Mário Piva, no jornal *A Tarde*, criticava enfaticamente o modelo de nacionalismo reivindicado por determinados setores da esquerda brasileira. No texto “Meu nacionalismo é assim”, o autor posicionou-se da seguinte maneira:

Sou nacionalista porque defendo a liberdade em todos os quadrantes da vida brasileira. Sou nacionalista pela livre empresa, contra a estatização na órbita econômica e contra a subordinação do homem como simples peça da máquina estatal. Sou nacionalista por convicção e, não, por inspirações nascidas de ideologias extremistas.⁴²

A crítica ao que o colunista classificou, mais a frente no texto, como “nacionalismo de casaca vermelha” balizava-se, entre outros elementos, na tolerância aos capitais estrangeiros, desde que resistentes à sua exploração. Ao final do texto, insere a temática “Cuba”, ao afirmar: “não aceito o nacionalismo que tem como bandeira um caudilho como Fidel Castro”.⁴³

O texto é enfaticamente anticomunista. A referência a Cuba, neste caso, aparece relacionada às posições das correntes tidas como nacionalistas e que, para o autor, importava “idéias de nações extremistas”. Mesmo figurando ainda de maneira indireta e especulativa no hall de assuntos ligados ao comunismo internacional, como um possível futuro aliado soviético, podemos, no entanto, verificar a relação teórica já estabelecida pela dita “área pro-norteamericanos da opinião brasileira” entre Cuba e setores progressistas brasileiros, agrupados, no texto de Piva, no conjunto dos “falsos nacionalistas” vermelhos. Para Piva, tomar Fidel Castro como um exemplo ou uma “bandeira” era mesmo inaceitável.⁴⁴

41 “O preço da liberdade”, *A Tarde*, 19/01/1959, p. 3.

42 Mário Piva, “Meu nacionalismo é assim”, *A Tarde*, 19/04/1960, p. 6.

43 Piva, “Meu nacionalismo é assim”, p. 6.

44 Vale ressaltar que Fidel Castro já havia sido tema de um outro texto de Piva, publicado a 7 de março, em que o autor, buscando motivos para a ação de jovens estudantes cariocas que estenderam um retrato de Castro na fachada da União Nacional dos Estudantes (UNE) durante a visita do presidente estadunidense Eisenhower ao Brasil, indagou: “Teriam sido

Analisando-se de maneira estrutural, é possível afirmar que as opiniões de Piva representavam, naquele momento, muito mais a linha editorial do veículo que o empregava do que as tendências expressas pelos textos de Milton Santos aqui avaliados. Tratamos como o elemento-chave de tal consideração o incômodo demonstrado pelos textos com o que A Tarde tratava como “sentimento anti-americanista” cubano.⁴⁵ O fato de Milton Santos não ter esboçado qualquer reserva ao governo cubano por conta destas posições, a meu ver, insere-o num setor opinativo diferenciado, solidário, no geral, a Cuba. Tal solidariedade não ficara restrita ao campo teórico ou do mero discurso jornalístico. Em 26 de julho de 1960, alguns meses após seu regresso do país caribenho, Milton Santos participava de uma sessão pública de solidariedade ao governo cubano na sede da Associação dos Empregados no Comércio da Bahia, noticiada em A Tarde com o negativo título: “Comemoração fria de uma revolução sangrenta”.⁴⁶

Em alguns relatos biográficos, sugere-se relação direta entre a ida de Milton Santos a Cuba com as perseguições a ele direcionadas após o golpe civil-militar de 1964.⁴⁷ Durante o tempo em que esteve em Havana, o geógrafo manteve diálogos cordiais com o candidato Jânio Quadros, conquistou sua simpatia e demonstrou que havia entre ambos alguma identificação no campo político. Santos acabou convidado a participar de seu governo tendo ocupado a subchefia do gabinete Civil.

Antes de vincularmos de maneira direta a experiência política da visita a Cuba com a prisão e o exílio forçado em 1964, precisamos tomar ciência de que, além do primeiro cargo político no governo Jânio Quadros, Santos ocupou ainda, de 1963 a 1964, a presidência da Comissão de Planejamento Econômico (CPE) durante a gestão de Lomanto Júnior como governador da Bahia. Nesta pasta, posicionou-se em defesa das ideias de

motivos de ordem econômica? Mas, como? Que pode esperar o Brasil do govêrno de Fidel Castro? Que estenda o pescoço à canga moscovita como está agindo o tirano de Cuba? Dos Estados Unidos, cujo presidente nos visitava na época, podemos esperar muito. Não somente de auxílios materiais, mas também na defesa dos postulados democráticos” (Piva, “Não consegui entender”, *A Tarde*, 07/03/1960, p. 6).

45 “Estimulado em Cuba sentimento anti-americanista”, *A Tarde*, 17/01/1959, p. 1.

46 “Comemoração fria de uma revolução sangrenta”, *A Tarde*, 27/07/1960, p. 1.

47 Tal relação aparece, por exemplo no texto de Délio Pinheiro: “Todavia uma viagem a Cuba com o presidente da República e vários intelectuais – fato que na época não parecia nem inusitado nem perigoso – o colocaria, algum tempo depois, no Index do regime militar. Em 1964 inicia-se uma longa noite que duraria vinte anos”. Délio J. F. Pinheiro, “Milton Santos e a Bahia de belas gravatas e verdades encobertas”, in: Souza (org.), *O mundo do cidadão, um cidadão do mundo*, p. 179-183.

planejamento econômico desenvolvidas por economistas como Rômulo Almeida, as quais contrariavam os velhos esquemas econômicos das elites baianas.⁴⁸

Neste sentido, considero pertinente a avaliação de Fernando Pedrão, ainda que o autor tenha caído na tentação do exclusivismo de motivo, acerca das conclusões “míopes” dos articuladores e apoiadores do golpe civil-militar na Bahia ao avaliar as posições econômicas de Santos na CPE como um risco aos planos econômicos já vislumbrados, “identificando planejamento com esquerdismo e tomando a oposição à estrutura oligárquica como simétrica à luta com o capital industrial”.⁴⁹

Diante destes aspectos, considero sensato avaliarmos conjuntamente todas as complexidades políticas advindas destas tomadas de posições e cargos, na busca de explicações (ainda que parciais) para o ingresso de Milton Santos nas fichas do Departamento de Ordem Política e Social (DOPS) e no seu conseqüente auto-exílio após temporada numa cela do 19º Batalhão de Cavalaria (19º BC), em Salvador, de onde saíra após um princípio de derrame.

Não pretendo aprofundar-me ainda mais neste terreno. Fui até este ponto apenas para que evitemos estruturações teóricas precipitadas e parciais, atribuindo casuisticamente um único elemento às desventuras de Milton Santos após a ação dos golpistas de 1964.

Conclusão

Os escritos de Milton Santos aqui analisados, além de despertar uma inevitável curiosidade por se tratar de um expediente incomum no conjunto da obra de um geógrafo de prestígio internacional, ilustram um quadro específico. Uma fase de indefinição, na qual Cuba aparece representada pelo diálogo conciliatório entre o feito heroico do Movimento 26 de Julho - ao derrubar uma ditadura criminoso -, o “banho de sangue”

48 Para uma análise das ideias de Rômulo Almeida, ver Rômulo Barreto Almeida, *Rômulo: voltado para o futuro*, Fortaleza, Banco do Nordeste do Brasil, Associação dos Sociólogos do Estado da Bahia, 1986.

49 Fernando Pedrão, “Uma injustiça atinada”, in: Souza (org.), *O mundo do cidadão, um cidadão do mundo*, p. 58-60.

promovido pelos tribunais revolucionários,⁵⁰ e um profundo anti-imperialismo já demarcado por aquele governo que, no entanto, ainda não havia se materializado como declaração por uma opção socialista.

A meu ver, as representações conciliatórias características desta conjuntura possibilitaram, de maneira central, a abertura do espaço de publicação para os textos que, mesmo rivalizando com a linha editorial de *A Tarde* e da maioria de seus colaboradores, puderam ser impressos. Ainda que não esteja certo que os textos criaram uma real polêmica quando encaminhados para publicação, considero que, numa fase posterior de radicalização da propaganda anticomunista no Brasil – às vésperas do golpe que derrubaria o presidente João Goulart – e da vinculação direta de Cuba a um modelo socialista imitável pelos outros países do continente, tal expediente estaria inviabilizado pela nova conjuntura de polarização no plano ideológico.⁵¹

Também chama a atenção a sobriedade analítica de Milton Santos, ao evitar enquadramentos teóricos ou o estabelecimento de vínculos ideológicos tentadores num momento em que as condições conjunturais empurravam o discurso jornalístico para tomadas de posições cada vez mais inflexivelmente demarcadas. Ciente destas tendências, Santos não só as subverteu – avaliando Cuba para além dos enquadramentos correntes (ainda que especulativos e indefinidos nesta fase) – como soube situar o tema no terreno das batalhas ideológicas e midiáticas.

Nesta linha, o então jornalista apresentou dados inéditos ao leitor de *A Tarde*, quebrando a exclusividade das agências internacionais na cobertura sobre o tema, denunciadas por Santos como “deturpadoras de notícias”, a serviço de empresas insatisfeitas com os rumos e perspectivas que se apresentavam para Cuba.

O material é, assim, um produto jornalístico da primeira avaliação in locu de representantes de empresas jornalísticas brasileiras na Cuba revolucionária. No caso de Milton Santos, é também testemunho do contato entre um intelectual progressista e uma realidade política nova para a

50 A expressão “banho de sangue” foi utilizada por *A Tarde* em ocasiões como: “Banho de sangue em Cuba: cerca de 150 já foram passados pelas armas”, *A Tarde*, 13/01/1959, p. 1.

51 Sobre esta “onda anticomunista” que se intensificou às vésperas do golpe civil-militar de 1964, ver Motta, *Em guarda contra o perigo vermelho*. O autor analisa este momento como a segunda fase, no Brasil, de intensificação deste tipo de propaganda. A primeira estaria localizada no período pré-implantação do Estado Novo por Vargas, em 1937.

América Latina. Contato este que determinou uma apreensão simpática da conjuntura cubana. Tão simpática que os textos possivelmente soaram como esquerdismo para setores cujas posições já não toleravam a campanha anti-imperialista promovida por Cuba frente ao gigante vizinho, baluarte, para estes grupos, de certos “postulados democráticos” tipicamente americanos.

recebido em 11/2009 • aprovado em 01/2010